



A FOTOGRAFIA COMO ARTE CONTEMPORÂNEA: REVISITANDO MULHERES IMAGINADAS

ÍTALO FRANCO COSTA¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – italofrancocosta@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

Com a evolução da tecnologia no decorrer dos últimos anos a prática fotográfica passou rapidamente do analógico ao digital, chegando aos celulares. Essa evolução, de interesse do mercado, também tinha o propósito de democratizar a câmera fotográfica, atingindo um ponto no qual cada pessoa tem acesso a ela ao alcance da mão. A partir de seu surgimento, em meados do século XIX, a fotografia provocou a reinvenção da arte tradicional, assumindo o posto de aparato técnico apto a retratar a realidade assim como ela é e retirando da arte essa função. Porém, com a capacidade da arte de se adaptar às novas linguagens, muitos artistas se utilizaram da fotografia em suas produções. Ela então passou a ter outra função, além de registrar o que é visto, ela passou a mediar a subjetividade de quem manipula uma câmera fotográfica, pois “O ato artístico central consiste em direcionar um evento especialmente para a câmera” (COTTON, 2010, p.21). E essa forma de se pensar a fotografia foi aprofundada pelo movimento da Arte Conceitual:

Minimizando a importância antes dada à linguagem fotográfica de autoria e da competência prática, aproveitando a capacidade inabalável e cotidiana da fotografia de retratar as coisas: adotou um visual peculiarmente “não artístico”, “inexperiente”, e “anônimo” para enfatizar que a importância artística residia no ato retratado pela fotografia (COTTON, 2010, p.21).

Tais posturas deram à fotografia um “status indefinido” “como dispositivo para documentar uma performance, uma estratégia ou um acontecimento, e também como obra de arte legível em si mesma” (COTTON, 2010, p.39).

A investigação ora apresentada integra as ações do projeto de pesquisa “DO PÍNCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq), contemplado com bolsa PIBIC, que visa compreender e sistematizar conhecimentos sobre a produção e circulação de imagens na contemporaneidade, fomentando uma cultura de cunho simbiótico entre a visão funcionalista e as visões estéticas e simbólicas dos elementos sociais que constituem os espaços urbanos contemporâneos, a partir de um ponto de vista interdisciplinar.

Este resumo expandido tem por objetivo discutir sobre algumas propostas da fotografia na arte contemporânea, resgatando exemplos de artistas que problematizam uma “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997) cujas relações são mediadas por imagens, entendidos como subsídios teóricos que estruturaram uma produção artística do Núcleo. Trata-se do painel lambe-lambe “Revisitando Mulheres Imaginadas”, que estava previsto como uma das ações práticas do



projeto DO PINCÉL AO PÍXEL, apresentado ao público pelotense em agosto de 2017.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, e a metodologia transitou entre a revisão bibliográfica e as práticas da arte urbana. A revisão de literatura contemplou a obra de Charlotte Cotton “A Fotografia Como Arte Contemporânea” (2010), na qual destaca artistas/fotógrafos que tem como foco as relações estabelecidas entre indivíduos e cidade, relacionando tais práticas aos pressupostos defendidos por Guy Debord em “A Sociedade do Espetáculo” (1997). Com base nas relações estabelecidas partimos para o planejamento do painel lambe-lambe, elaborado como uma colagem digital de fotografias, com as dimensões de 1,10 x 4,40 metros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não se pode contrapor abstratamente o espetáculo à atividade social efetiva; neste desdobramento está ele próprio desdobrado. O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência da sociedade existente (DEBORD, 1997, p.16).

A “alienação recíproca”, a essência da sociedade espetacular, é o que gera distanciamento entre o indivíduo e o meio em que vive. Esta cultura, uma herança do sistema capitalista, tem como prioridade o domínio da economia sobre as relações interpessoais. Ou seja, esses valores tornam a sociedade cada vez mais individualista, substituindo a experiência pela contemplação, como um exemplo explícito da afirmação da aparência como valor maior, do ter em detrimento do ser.

Alguns artistas inseridos nessa realidade produziram através da fotografia (principal recurso da sociedade espetacular) críticas sobre a relação de consumo estabelecida, assim como sobre seus contextos vivenciais. E dentre os exemplos apresentados por Charlotte Cotton (2010) destacamos três.



Figura 1: **Tim Davis**, Mc Donalds, da série Varejo. Fotografia, 2001. Disponível em: <http://www.davistim.com/retail/intro.php>. Acessado em: 14/09/2017



O primeiro é Tim Davis e a série intitulada “Varejo”, na qual retrata as janelas das casas de subúrbio norte americanas durante a noite, quando os letreiros luminosos refletem no vidro, lançando uma espécie de presença, de vigília (Figura 1).

A repetição (série de fotos) é uma das características da fotografia como arte contemporânea. Ela “pode ser comparada a um trabalho de campo ou à experimentação quase científica de uma hipótese. A repetição transforma a especulação em proposta, pois o ato repetitivo parece oferecer a prova de alguma coisa” (COTTON, 2010, p.42), e nesse caso a prova compete em evidenciar a metáfora da “mão invisível do mercado”, a presença do consumo nas cidades e o modo como estas são configuradas.



Figura 2: **Phillip-Lorca diCorcia**, Eddie Anderson; 21 anos; Houston; Texas; US\$20, Forografia, 1990-92. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/50276?locale=pt> acessado em 14/09/2017

Phillip-Lorca diCorcia (Figura 2), para a elaboração da série “Hollywood”, pede para modelos homens posarem para suas fotos em troca de dinheiro. Em cada título da fotografia estão o nome, idade, cidade de origem e o valor dado pelo artista. Esta série nos leva a refletir sobre as promessas que a sociedade do espetáculo proporciona a seus habitantes, até mesmo através da mercantilização do corpo.

O terceiro artista selecionado foi Andreas Gursky com uma obra da série intitulada “Prada”, na qual registra uma vitrine de sapato, que quando exposta no tamanho real do motivo, reproduz a sensação de esterilidade presente nas vitrines contemporâneas de calçados, “um tipo de fotografia “fria” distanciada, aguda e cortante” (COTTON, 2010, p. 81).



Figura 3: **Andreas Gursky**, Prada. Fotografia, 1996. Disponível em: <http://www.andreasgursky.com/en> acessado em: 14/09/2017



A tais referências, artísticas e teóricas, somaram-se a outras leituras e discussões para subsidiar a reflexão proposta aos integrantes do PhotoGraphein, que culminou com a realização do painel lambe-lambe “Revisitando Mulheres Imaginadas” (Figura 4), que foi instalado no prédio da antiga Brahma, atual espaço Mercosul Multicultural da UFPel, em 18 de agosto de 2017.



Figura 4: *Revisitando Mulheres Imaginadas*, colagem digital de fotografias, 1,1mx4m, 2017.

O tema proposto ao grupo foram as questões pertinentes à mulher na sociedade contemporânea. Refletindo sobre o tema, cada um criou a sua figura simbólica de mulher, problematizando questões de gênero e de raça, o anonimato urbano, comportamentos e o corpo como mercadoria. Essas figuras metafóricas tiveram como “cenário” fotografias da performance/exposição “Mulheres Imaginadas”, apresentada no mesmo espaço, em 2012, que discuti sobre a figura social da mulher em diferentes períodos da história.

4. CONCLUSÕES

As atividades desenvolvidas até então, no projeto DO PINCEL AO PÍXEL, desenvolvido desde agosto de 2016, estimularam a reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea, suas mentalidades e comportamentos, possibilitando a percepção dos vícios de uma sociedade que preza a individualidade e o distanciamento das relações interpessoais, provocando a alienação. Mais do que reflexões teóricas, ao longo desse ano expandimos nossos questionamentos, que foram compartilhados artisticamente com a comunidade, como aconteceu com a instalação do painel lambe-lambe.

“Revisitando Mulheres Imaginadas” foi uma proposta de arte urbana que nos possibilitou discorrer sobre o viver cotidiano, numa interação comunicativa com o público que se deu em suas múltiplas possibilidades. Acreditamos que assim, pelo viés da criação artística, estamos colaborando para a problematização da memória social, interferindo qualitativamente na realidade vigente.

Concluimos que a fotografia como arte contemporânea é potente ao revelar novos modos de ver o mundo, e isso se deve em boa parte ao seu entendimento conceitual de um mix entre realidade e ficção, mesclando razão e sensibilidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COTTON, Charlotte. **A Fotografia Como Arte Contemporânea**, São Paulo/SP WMF MARTINS FONTES, 2010.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**, Rio de Janeiro/RJ CONTRAPONTO, 1997.